

# Um mestre com jeitinho de avô

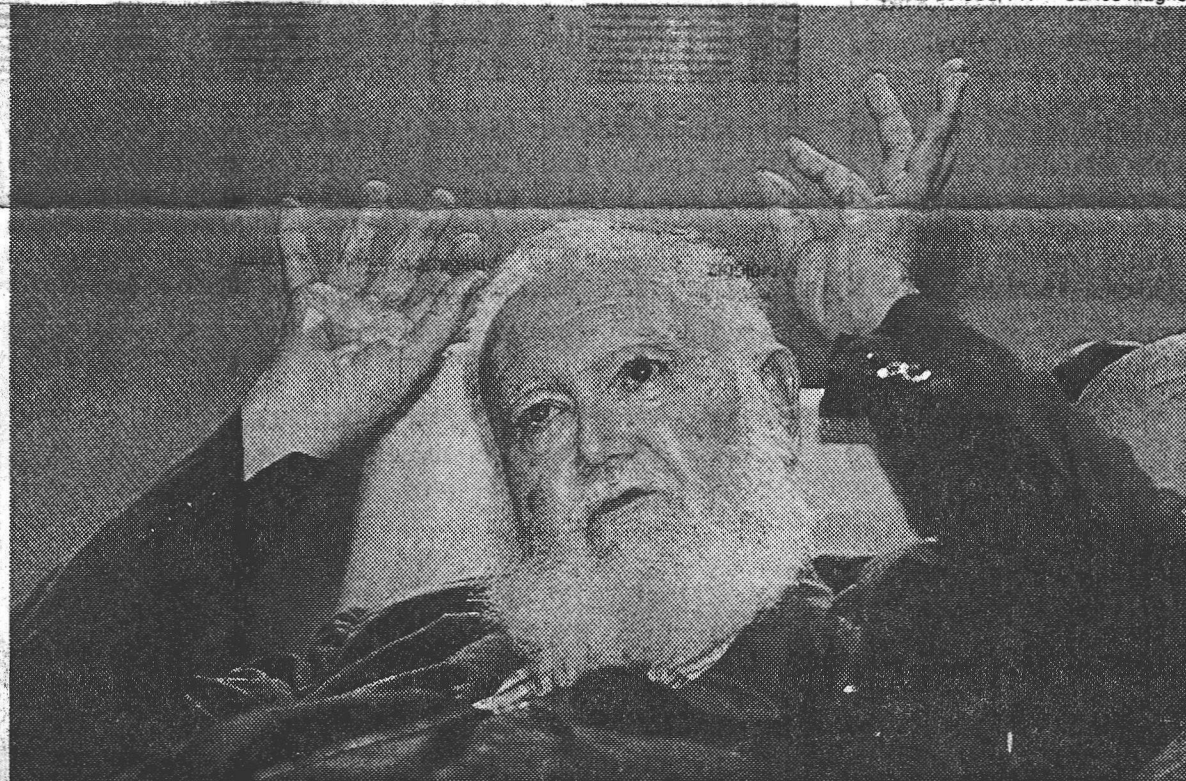
Faxinal do Céu, PR — Carlos Magno

■ Encontro traz de volta ao público o carisma de Villaça

Faxinal do Céu abriga professores brilhantes em diversas áreas. Na semana passada, o pianista Arnaldo Cohen fez um “concerto didático”, em que lembrou seus primeiros estudos de música e chegou a tocar a popular *My way*, depois de passar por Beethoven e Mozart. A atriz Nathália Timberg interpretou o monólogo *Paixão*, de Betty Milan, e posou para fotos com as professoras. As aulas do filósofo Cláudio Ulpiano são concorridas, assim como as do escritor Marco Lucchesi. Mas um mestre com jeito de avô é a melhor tradução do espírito de renovação que reina em Faxinal do Céu. Seu nome é Antônio Carlos Villaça.

Ele estava doente há pelo menos quatro anos, sem ânimo para a vida. Era uma existência soturna no velho apartamento junto à Praia do Flamengo. O convite feito por Arthur Pereira para que Villaça participasse da Universidade do Professor foi uma opção profissional e um renascimento para a vida.

“É muito bom esse convívio, é pioneiro, precursor. Até o frio me fez bem. Cheguei a pegar dois graus abaixo de zero no inverno. No Rio, tenho uma bela vista do meu apartamento de nono andar, mas não tenho esses pássaros que cantam em Faxinal do Céu”, disse Villaça na semana passada, depois de uma palestra no auditório Jean-Jacques Rousseau. Foi um



Para Antônio Carlos Villaça, “é muito bom esse convívio”

privilegio para quem o ouviu contar histórias de Getúlio Vargas, Carlos Lacerda e Machado de Assis, que ele vai puxando da memória como se estivessem guardados em disquetes de computador.

“Getúlio adorava gatos. Sempre tinha a seu lado um angorá. Ele mesmo era um felino”, contou Villaça, diante da plateia atenta. Ao lado da poltrona, uma mesinha com um copo de água e outro de mate. “Getúlio era preguiçoso para leitura, ao contrário de Lacerda, que era um leitor voraz”, lembrou. A pergunta de um ouvinte o fez rir. “Tenho 68 anos. Dia desses, peguei um táxi e o motorista me perguntou a idade.

Quando disse, ele comentou: ‘Ah, tão acabadinho’. Tive que rir.”

Na palestra sobre Machado de Assis, Villaça lembrou o Rio de Janeiro de outros tempos. “Machado escreveu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em sua casa, no Catete. Ficava ali escrevendo, de janela aberta. Passava uma pessoa, dali a cinco minutos passava outra”, contou. Revelou inconfidências: “Capitu, a mais bela personagem machadiana, foi inspirada por Georgiana, a inglesa de José de Alencar. Ela teve um caso com Machado”. As professoras da plateia deram risadas e trocaram cochichos.

Villaça está gostando tanto de sua vida na serra paranaense que já se prepara para escrever *Diários de Faxinal do Céu*. Pediu a Arthur uma máquina de escrever “das antigas” e deve iniciar o texto em 97. Não vai faltar inspiração. Quem caminha pela vila pode cruzar a Quadra da Literatura, onde a Rua Machado de Assis faz esquina com a Cecília Meirelles. Pode ligar de um orelhão sem fila na Praça Os Lusíadas e ler sem pressa nos bancos de madeira. A memória fantástica de Antônio Carlos Villaça está abrindo um arquivo só para guardar os pássaros e as araucárias de Faxinal do Céu. (A.M.)